

A importância da aula

Luiz Roberto Augusto Noro*

* Professor do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva e do Departamento de Odontologia da UFRN

Resumo

A aprendizagem confere aos seres humanos uma posição privilegiada na condução do mundo e da história, o que exige do professor uma postura adequada a essa demanda. Coerente com essa premissa foi objetivo do presente estudo refletir sobre a pertinência da aula como estratégia para professores desenvolverem a aprendizagem dos alunos. Aula foi entendida como momento temporal específico no qual são expostos determinados conteúdos previamente definidos por um professor, para uma turma de alunos, em estabelecimento de ensino. Para isso, optou-se metodologicamente pela investigação narrativa autobiográfica ao tomar-se como objeto de estudo experiências nas quais o próprio autor é o protagonista. Os relatos das vivências permitiram observar a limitação da aula como espaço de aprendizado, quer pelo excesso de autoritarismo empregado pelo professor na condição de grande protagonista do processo, quer pela falta de estímulo ao aluno em construir conhecimento nesse espaço pedagógico. É urgente, portanto, que as aulas sejam transformadas em espaços vivos, que provoquem a ansiedade positiva dos alunos, pensadas por professores que não simplesmente estejam na escola, mas que participem da vida do educando, contribuindo para a construção de uma esperança maior tanto nas conquistas como nas incertezas, buscando caminhos que respeitem o contraditório, compartilhando dúvidas e descobrindo possibilidades, somente

possíveis para mentes humanas.

Descritores: Aprendizagem. Docentes. Ensino. Educação.

1 REFLEXÕES PRELIMINARES

Refletir sobre a formação obrigatoriamente remete a necessidade de identificar as principais estratégias a serem referencial para que ocorra o aprendizado, objetivo final do processo vivenciado cotidianamente por alunos e professores. A aprendizagem confere-se como uma das principais diferenças entre animais racionais (humanos) e os outros, o que coloca os primeiros numa posição privilegiada na condução do mundo e da história.

Apesar disso, muito do que se realiza em algumas estratégias de ensino, teoricamente responsáveis pela aprendizagem, configuram-se como mero ato de fazer com que seres humanos repitam de forma mecânica os preceitos definidos por professores, os quais muitas vezes, repassam nas atividades didáticas, não apenas o conteúdo de determinado tema, mas, o que é mais preocupante, ideologias e crenças que em muito destoam dos objetos propriamente ditos¹. Isto ocorre uma vez que são legitimados pelo “poder do conhecimento” conferido aos professores pelo seu percurso acadêmico, legalizados pela missão de serem agentes essenciais na constituição de instituições de ensino, respeitados por sua arrogância na relação com “seres (alunos)

inferiores”. Isso, é claro, quando tratamos de pseudoprofessores.

Quando, entretanto, procuramos identificar sujeitos efetivamente comprometidos em desenvolver o ato educativo enquanto mecanismo de compartilhar vivências e conhecimentos, de forma fraterna e desprovida de vaidade, com perspectiva de respeitar o contraditório, capacidade de compartilhar as formulações e conceitos daqueles que não necessariamente configuram-se como aluno, mas como aliado a proporcionar novas reflexões, deparamos com a perspectiva de compreender e reconhecer o professor na sua essência. O verdadeiro professor não tem como pretensão amarrar os homens a si mesmos, mas procura elevá-los a patamares mais altos do que a si mesmos, quando apelam ao que existe em cada um deles, que é mais do alto do que eles mesmos².

A atitude do professor tem sustentação quando consegue encantar o seu aluno, contribuindo para que aprenda a olhar o que ainda não foi visto ou olhar como se fosse novo, o já conhecido³. As mesmas autoras ainda consideram que a formação do aluno se dá ao mesmo tempo e lugar em que se dá a formação do formador, num contexto no qual ambos se encontram na mesma dimensão, permitindo uma aproximação de confiança e respeito mútuo³.

Quanto tempo perde-se em atividades as quais deveriam ser potencialmente formuladoras de novas concepções e saberes, preocupados, de um lado (professores) em ensinar preceitos com sustentação científica absoluta, apesar da mutabilidade da ciência, e de outro (alunos) em memorizar conceitos, datas, fatos, fórmulas, regras que viabilizem a continuidade prevista na progressão para validação dos estudos que permita alcançar novos estágios na “pirâmide” educacional.

O presente estudo tem por objetivo refletir sobre a pertinência da aula como estratégia para professores desenvolverem a aprendizagem dos alunos, desenvolvido a partir do percurso do autor enquanto sujeito de processo educativo marcado por contradições

e buscas, na pretensão de refletir sobre os principais caminhos para a formação do professor, a partir de suas experiências no papel de estudante. A reconstituição da história de vida é vista como transformadora e reconstituente do sujeito, podendo servir para ressignificar suas experiências, saindo da posição de alienação frente à História para assumir como agente de sua vida e da coletividade⁴. Sinalizam, para isso, os maiores diferenciais que permitiram um posicionamento sobre como alcançar a missão de fazer de cada momento um mecanismo no qual a aprendizagem seja decorrente da responsabilidade da construção de um mundo mais igualitário, a partir da ação reflexiva como mecanismo de aproximação natural entre professores e estudantes, sem necessariamente uma relação hierárquica claramente marcada por esta dimensão.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Para desenvolvimento deste estudo optou-se metodologicamente pela investigação narrativa autobiográfica, caracterizada como pesquisa da experiência vivida, ao tomar-se como objeto de estudo uma experiência na qual o próprio autor é o protagonista. As autobiografias em sentido estrito são textos que narram vidas, independentemente de um caráter mais ou menos pessoal, íntimo, profissional ou público⁵.

As narrativas autobiográficas visam à reconstituição da história de si próprio, o que possibilita o encontro do narrador com o seu “eu” e com os vários “eus” de sua personagem⁶. Assim como os acontecimentos da vida, inconclusos e singulares, são também os fatos que ocorrem na escola, não repetíveis e inacabados⁶.

A pesquisa em educação com abordagem qualitativa nas últimas décadas vem adotando as narrativas autobiográficas como estratégia investigativa uma vez que possibilita que o professor seja ao mesmo tempo sujeito e objeto do estudo, permitindo que a investigação e a formação aconteçam simultaneamente⁷.

Tal metodologia remete às dimensões singulares da vida, especialmente no presente estudo na relação do autor com a escola, não existindo fórmulas ou receitas absolutamente seguras para se prosseguir nela, uma vez que, cada pesquisa constrói sua ‘ciência’ e gera sua própria estratégia metodológica⁸, em especial ao se buscar um equilíbrio entre a sensibilidade, expressa pelo ato vivido pelo autor e a razão, a qual dá significado ao ato propriamente dito⁹.

Buscou-se no estudo, a “decifração” do passado, a partir de sentidos inacabáveis mantidos na memória, para que sejam evitadas as inadequações desse período, evitando sua repetição no futuro¹⁰. As narrativas aqui desenvolvidas estão veiculadas aos grupos sociais (família e escola) com o qual o autor conviveu e convive¹¹.

Indo ao encontro do proposto por Souza¹² a escrita da presente narrativa nasceu a partir dos questionamentos do autor sobre “o sentido de sua vida, suas aprendizagens, suas experiências e implica reflexões ontológicas, culturais e valorativas”.

Assim, a partir da reflexão desenvolvida pelo autor, foi possível resgatar a própria vida, permitindo que esta reconstituição enquanto sujeito, possibilitasse reconstituir seu tempo, sua história e sua cultura¹³. Com este processo foi possível ao autor teorizar a própria experiência a partir da releitura do escrito, reconstruindo a trajetória e dando à mesma, novos significados¹¹.

Entretanto, é fundamental lembrar que, a convivência de tempos diferentes em que o autor produz o seu registro escrito, impregna e torna-se inerente à escrita autobiográfica, o que sinaliza para a necessidade de que a leitura desse material seja realizada com muito senso crítico¹⁴.

Considerando a ideia de trabalhar-se com uma abordagem metodológica de narrativa autobiográfica este estudo partiu do pressuposto que a aula é classicamente entendida como o momento temporal específico, no qual são expostos determinados conteúdos previamente definidos, por um professor, para

uma turma de alunos, em estabelecimento de ensino.

3 PERCURSO REFLEXIVO

A cada dia, quando acordo, penso no que poderei aprender e procuro refletir sobre tudo o que aprendi ao longo da vida. Não cheguei aqui à toa! Sem dúvida aprendi muito e tudo o que sei serve para alertar minha consciência sobre o quanto não sei e, principalmente, o que ainda espero aprender.

Os conceitos sobre comunismo e socialismo em longos diálogos-monólogos com o Alberto, numa época em que meu grande interesse era a sua filha. O que poderia ser um momento de mera escuta, transformava-se num espaço de reflexão e necessidade da busca de novos conhecimentos para poder participar ativamente de um aprendizado que me levaria a trilhar um caminho de formar meus filhos na lógica da busca da justiça social, do respeito ao direito dos outros, do desafio de um mundo menos individualista.

Lições sem giz ou lousa, sem necessidade de decoreba e muito menos nota para “provar” que houvera aprendido o suficiente para ser promovido. Estes momentos faziam-me questionar, não sem certa revolta, o que aprendi naquelas aulas de História intermináveis, sem qualquer referência à vida, ao mundo; apenas datas, personagens, fatos estáticos a preencherem o caderno ávido pela escrita cada vez menos legível, tão bem treinada nos cadernos de caligrafia. Um acúmulo de informações sem conexão com a realidade e o real papel da compreensão do que seres humanos contribuíram ou não para transformações amplas e capazes de unir as pessoas.

Mas não foram estes os meus primeiros aprendizados. Nestes, minhas grandes professoras foram minha mãe e a dela. Momentos, sempre repletos de amor e cuidado, ensinavam-me a importância do respeito ao próximo, da pertinência da verdade, da humildade, da dignidade, do sentido de família. Lembro-me aqui, também, da Dona Salete, minha ultra-afetiva professora

do pré-primário (naquele tempo, era assim) no qual cada aula servia para pintar, brincar, aprofundar a socialização com os colegas, desenvolver a coordenação motora. Com isto aprendi que não estava sozinho no mundo e que eu não era o seu centro. Muito mais: meu papel deveria ser de alguém que pudesse contribuir com ele para sua melhora e a minha.

Surge, então, a “necessidade” de aprender a ler e escrever. Habilidades absolutamente necessárias a qualquer movimento que pretenda incluir no mundo o mais básico dos direitos humanos: a liberdade. Exercitar a liberdade depende do quanto o telencéfalo presente nos cérebros humanos é capaz de, a partir de referenciais e vivências, identificar o que deve ser transformado em aprendizagem daquilo que pouco traz de contribuição ao mundo. O caminho foi suave, pois Dona Ruth o trilhou da forma mais leve possível, preocupada em demonstrar que apesar de “Lulu ter visto a uva”, deveríamos prestar atenção para outras coisas no mundo, para além das uvas. Nesta fase, é fundamental que as habilidades aprendidas em outras anteriores se consolidem. Tive grandes companheiras para isto (Dona Cleonice, Dona Teresinha, Dona Altiva, Dona Filomena) prontas para distribuir o carinho e sabedoria necessários para permitir meu gosto pelo estudo. Todas, junto com Dona Teresinha (de Santos) foram essenciais no, à época, Ensino Primário. Sem dúvida, o Primário, tão desvalorizado e fundamental (quanto a Atenção Primária em Saúde) permitiu que a escola fosse além de um local para assistir aula e sair correndo para o recreio. Tive momentos privilegiados de aprendizado, entretanto, quando em algumas ocasiões, minhas afetivas professoras buscavam a formalização da aula, identificava na estratégia marcada pela mera transmissão de conteúdos, seus limites.

Aos onze anos, subindo a serra de volta, deparo-me com a primeira disputa para sobreviver no mundo dos pretendentes a “letrados”. Sim, na época, não era suficiente querer estudar. Era preciso enfrentar o primeiro desafio seletivo, encarnado no

Exame de Admissão. Ou seja, para você ser admitido no 1º ano do ginásio (atual 5ª série) em escola pública era necessário superar outros que tinham o mesmo desejo (ou sonho, ou esperança, ou pretensão). Na verdade, o princípio que aparentemente prevalecia na época era o de quanto menos gente na escola, menos movimentos que pudessem levar a relacionar coisas, ensaiar uma reflexão, questionar injustiças, desafiar o “status quo”. Em função disso, o acesso era restrito a uma minoria que não tinha tanto do que reclamar, nem se preocupava em relacionar coisas ou ensaiar reflexão (o máximo que ensaiei, no ginásio, foi para a quadrilha da festa junina).

Na época, entretanto, nada disso passava na minha cabeça. Queria ser melhor que os outros para ser aprovado e continuar com os estudos que me garantissem a continuidade do caminho idealizado para qualquer criança de classe média. Com isso, descobri depois, poderia trilhar uma profissão que me inserisse no mercado de trabalho. Na verdade, meu maior medo era frustrar minha mãe, que sempre acreditava na minha capacidade em tirar notas. Mas exame? Para dar uma ajudinha, fiz um “reforço escolar” (aulas extras) para o Exame de Admissão no qual foi fundamental aquela aula de...

Apesar do pouco aprendizado, o esforço do “reforço” contribuiu para eu acertar um número suficiente de questões, as quais permitiram minha continuidade no percurso escolar, na condição de aluno.

Vencido o desafio, começa o terror. Encarar várias disciplinas ministradas por vários professores era a diferenciação dos meninos que antes iam de calção para a escola. Começar um dia com uma aula de Matemática, passar para uma de Ciências, emendar uma de Francês, voltar do recreio para encarar História e finalizar com Geografia, sem qualquer ligação entre elas, era um grande labirinto cognitivo. Seria, entretanto, injusto com alguns reais professores se não reconhecesse o papel deles na minha formação. Entretanto, grande parte das vivências no ambiente escolar se distanciava muito de qualquer perspectiva de

processo educativo. Em especial, mas não única, a constante insegurança em atingir a média, para conseguir aprovação em cada uma das disciplinas, a maioria com baixíssima perspectiva de aprendizado (e tive que ser admitido para isso). Mas tive aulas inesquecíveis como aquela de...

Entre as várias sessões de tortura, recordo a maluquice de fazer festa pela ausência do professor para aplicar a prova de Desenho (fundamental para minha formação) quando, faltando 20 minutos para acabar o tempo da tal prova aparece o ultrajovial professor comunicando que faríamos a prova. Pestinha (não tinha esse apelido por acaso) bradou um revoltado “Não é justo!” absurdamente corajoso para a época. O jovem professor, sem pestanejar respondeu “A justiça aqui sou eu!”. Comparações com os dias atuais não guardam qualquer relação...

E vamos fazer a prova de uma única questão: escrever a palavra “Tchecoslováquia” (acho que era assim que se escrevia) em um tipo de letra que não levava menos de 5 minutos para confecção de cada uma. Tive que me contentar com a saudação gaúcha, a qual, entretanto, me deixou com uma nota 2,5 (em 10) na primeira prova depois da Admissão. Resultado: terei que estudar muito Desenho para compensar nos bimestres seguintes, para não ficar de exame, ou o pior, a temida 2ª época. Mas isso será fundamental para a minha vida, pois nas aulas de Desenho aprendi tudo sobre...

Mas várias aulas contribuíram para elementos fundamentais em minha formação, ao imporem que eu memorizasse as capitânicas hereditárias, os órgãos reprodutores das gimnospermas, a fórmula de Bhaskara, o ciclo de vida da *Taenia Solium* (e da *Saginata*), os afluentes do Rio Amazonas, as obras de Cruz e Souza (ou seria Silva?), a análise sintática, com quantos carbonos se faz uma boa cópia (era Química ou Português?), a tundra e a taiga. Enfim, todas as aulas que frequentei para “aprender” isso foram maravilhosas, pois passei por média em todas as disciplinas. Foram, portanto, essenciais para minha progressão. Entretanto, não me lembro de

mais nada de nenhum destes temas. Mas aprendi muito naquela aula de...

Entretanto, momentos tensos como a devolutiva da nota, entrega de trabalhos no prazo, levantar para cantar o Hino Nacional (o da República, o da Bandeira, o da Independência), passar uma aula toda em pé para compreender o respeito ao professor, assistir aula com um imoral professor de Educação Moral e Cívica, foram marcantes para o aprendizado da “disciplina”, fundamental para sobreviver à época. Hoje, gostaria que meus filhos não precisassem ter este tipo de aprendizado. Mas, ao longo do ginásio, lembro-me perfeitamente que teve uma aula muito importante sobre...

Tive aulas de História, Português, Física (o livro era autoinstrutivo...), Geografia, Matemática, Inglês (ainda bem que minha mãe me matriculou numa escola particular de Inglês antes), Artes etc. Como um aluno padrão, me “virava” relativamente bem em todas, que me estimulavam a estudar pelo desafio de tirar uma boa nota e passar por média. Muito do que li neste tempo pouco contribuiu para meu aprendizado. Mas serviu para ter notas aceitáveis na caderneta, o que era suficiente para que meus pais acreditassem que eu estava aprendendo, apesar de frequentar cotidianamente cada uma daquelas aulas que expunham cartesianamente o “conhecimento” do professor.

O percurso no ensino médio não foi diferente, uma vez que permaneceria na mesma escola que era uma referência das escolas estaduais do bairro. E, creio, não seria diferente em nenhuma outra. Na realidade, dei muita sorte, pois a minha escola, naquele preciso ano, passou a ofertar apenas o ensino médio. Sorte de um lado, azar do outro: por esta característica, foi necessário um exame para selecionar os alunos que ingressariam (ou permaneceriam) na escola uma vez que passou a ser uma das poucas a ofertar esta modalidade na região. Mais uma vez os conteúdos memorizados foram suficientes para me manter no meu percurso cognitivo. E haja aula...

Tamanho excesso de informação (e

falta de formação) fazia que os jovens da época, ávidos para ingressar na Universidade, se empolgassem em incorporar armas de última geração para um novo combate seletivo: o vestibular. Esta arma terrivelmente mortal chamava-se “cursinho” (no diminutivo). Sem dúvida, a mídia televisiva colocava estes “espaços de ensino” como fundamentais para encarar o vestibular, em especial para quem não houvera frequentado escolas de renome habitadas pela elite. Para estes, não havia necessidade de cursinho. Mas eles os frequentavam, para garantir...

Quantas aulas tive no cursinho! Professores sérios, outros nem tanto, mas todos com o mesmo intuito: instrumentalizar o cliente com o que houvesse de mais letal para arrasar qualquer adversário. Qualquer ingresso era lucro, para aparecer no “outdoor” ou na matéria da televisão, muito bem paga pelo dono do cursinho (o retorno era garantido) e realizada pelos marqueteiros do ufanismo. Quem acreditava no esquema se transformava num escravo das apostilas e dos simulados, invariavelmente realizados nos sábados à noite ou nos domingos pela manhã (no meu caso, era possível escolher...). De tudo que frequentei ao longo de um longo ano de cursinho, lembro-me muito daquela aula de...

E para prestar o vestibular, num mundo capitalista, é essencial pensar na inserção do mercado de trabalho. E para isto é fundamental escolher uma profissão, numa fase da vida em que outras incertezas se acumulam a esta. Mas, como a expectativa de vida era por volta dos 60 anos, era importante definir logo. No percurso para a escolha da profissão, pela experiência já relatada, é óbvio concluir que poucas contribuições tirei da escola ou do cursinho. O sofrimento com a perda precoce dos dentes decíduos, o contato frequente com o ruído do motor de alta rotação e a dor da remoção da dentina cariada, a angústia dos elásticos a separarem os dentes e as lesões provocadas pelos “brackets” me levaram à perspectiva de aprender uma profissão para autoproteção: Odontologia. Talvez eu pudesse contribuir para que outros,

que passavam pelos mesmos traumas, pudessem ter este percurso doloroso minimizado pela minha intervenção.

E eis que, na terceira grande “guerra seletiva” (naquele momento, deixei muita gente para trás), tenho uma das maiores conquistas da minha vida: o ingresso na instituição de ensino superior mais respeitada e reconhecida da América Latina, qual seja, a Universidade de São Paulo. Mas com uma pequena ressalva: venci a guerra, mas não a batalha de uma nota que me sustentasse em uma das 80 vagas para fazer o curso em São Paulo, capital. Fui parar em Ribeirão Preto, num campus e cidade que viabilizaram muito mais aprendizado que os longos dias dentro de salas de aula, laboratórios e clínicas de ensino, qual seja, os espaços formais de ensino. Por conta disso, pouco pude contribuir em minimizar os problemas dentários da população. A preocupação com os microorganismos *gram* positivos (e os negativos, também), a fase gama 2 do amálgama, a importância do ducto colédoco, a fórmula do EDTA, entre outros, não deixavam muito espaço para esta outra formulação. Aliado a estes conteúdos fundamentais para a formação de um cirurgião-dentista, outro papel fundamental da graduação era o de treinar as mãos para desenvolver habilidade motora. E assim, a cera, o gesso, o holleback, a resina, a habilidade no manuseio de uma seringa carpule e de um motor de alta-rotação tornaram-se elementos mais importantes do que qualquer reflexão sobre o papel de um profissional para a sociedade. Em função da falta desta articulação com minha perspectiva de contribuir para redução do sofrimento por dor de dente, vibrei muito na minha graduação naquela aula de...

E como o mundo não para, é importante acumular mais conhecimento para entrar no mundo do trabalho. Nesta fase, as contribuições na graduação são fundamentais... Como transformar a trajetória tradicional de profissão liberal da Odontologia em algo que permitisse uma melhor saúde bucal, não apenas para quem

pudesse pagar. Por que cada dia era igual ao outro na Unidade de Saúde onde trabalhava, sem acontecer nada que pudesse sinalizar um avanço? Por que aprendi técnicas na graduação, incompatíveis com quem não podia pagar por elas ou com pouca resolutividade para os problemas bucais da grande maioria da população? Enfim, quantas oportunidades tive ao longo da graduação, em um curso de instituição pública de educação superior, referência mundial em ensino de Odontologia, para fazer estas reflexões? Só mesmo naquela aula de...

E quando menos espero, entre as várias perspectivas, vislumbro na Saúde Coletiva a grande possibilidade de me transformar em um profissional importante para a sociedade. Isto somente se materializou pouco mais de cinco anos depois de “formado”. O aprendizado conquistado na observação da dificuldade do acesso das pessoas ao atendimento odontológico, da necessidade de utilização de métodos coletivos para prevenção de doenças bucais, da evidência da importância da política na definição de estratégias, direcionou-me para a área. Para isto foi fundamental, na graduação, aquela aula de...

Nesta fase, tive realmente grandes professores! Compartilhavam sem egoísmo e sem necessidade de um púlpito seus conhecimentos, vivências e percepções. Aprendizado baseado na dúvida, no contraditório, no fogo, no desafio da busca e da necessidade de aprofundamento. Sem data-show (ou qualquer outro show), sem quadro branco ou cadeiras perfeitamente enfileiradas. Reuniões de trabalho transformavam-se em seminários, articulação com a população virava mesa-redonda, depoimentos de usuários ganham “status” de Conferência. Estas relações permitem minha primeira experiência em compreender melhor o porque de tanta indignação com momentos que deveriam ser de festa pelo acesso ao conhecimento. Fui selecionado para participar de uma “Capacitação Pedagógica” no âmbito da Secretaria Municipal de Saúde e, muito diferente da minha expectativa (aprender a dar

aula), tive oportunidade de refletir sobre como as pessoas aprendem (ou não). E não eram aulas! Eram momentos de discussão que jamais houvera vivenciado, em qualquer um dos espaços formais de educação.

Passo a perceber que existem outros professores perfeitamente alinhados à perspectiva da educação como estratégia para defesa dos mais valiosos sentidos humanos. E estava em casa, o meu referencial deste tipo de professor, ou melhor, Professora, a me privilegiar em todo momento com seu mais puro espírito de aprendizado baseado no amor e na cumplicidade. Professora preocupada com a essência de compreender o aluno como agente transformador da sua realidade e da comunidade na qual está envolvido, ávida pela justiça social e sempre pronta para escutar a angústia dos alunos. Sua essência cristã, residente em cada frase budista, conquista o mais atento de seus alunos. Sua autenticidade provida de reflexões e carinho permite a mim que a cada momento ocorra um novo aprendizado.

Dentre estas reflexões e aprendizado, surge a proposta de mudar o rumo da vida. Sair de uma cidade com mais de dez milhões de habitantes, centro do “progresso” e da tecnologia, para uma cidade nordestina, tão pouco valorizada e reconhecida pela grande maioria dos mais cultos e financeiramente bem-sucedidos do “centro”. A busca tinha como princípio vislumbrar novos desafios, talvez permitindo distintas experiências das vivenciadas até então. Novas possibilidades, novos caminhos, novas incertezas num percurso que incluía um cirurgião-dentista, uma Professora (sim, com P maiúsculo) e uma pequena inspiração, com pouco mais de um ano de idade. Incertezas, sonhos, perspectivas e frustrações conviviam de forma harmônica ao longo dos primeiros dias (meses), em especial pelo percurso ter sido feito sem planejamento estruturado. Mediado e incentivado pela possibilidade de novas experiências, não foram poucos, entretanto, os momentos de questionamento sobre a opção escolhida.

Estranhamente, nesta peculiar

mudança de vida, o dentista muito envolvido com gestão em saúde coletiva, ao ver fecharem-se as portas para continuidade de sua potencial vocação (ou afinidade) toma um rumo que traz uma perspectiva jamais imaginada ao passar em processo seletivo para assumir um posto de professor substituto na Universidade Federal do Ceará. Ainda desfigurado, uma vez que a área de atuação sinalizada nesta ocasião referia-se a prática odontológica muito anterior ao investimento de aprofundamento em saúde coletiva, absolutamente marcado pela necessidade de sobrevivência no mercado de trabalho.

Dando um novo passo ao que se transformaria num novo rumo na vida, o ex-dentista, iniciante como professor substituto de Dentística, aceita ocupar uma vaga como professor de saúde coletiva (ah, o destino) em uma Universidade privada (destino?). Nesta trilha, as dicotomias Odontologia/Saúde Coletiva, público/ privado, ensino/serviço vão moldando um novo caminho, o qual tem habitado minhas maiores esperanças em contribuir com meu mundo, ao meu tempo, na perspectiva da carreira docente.

E, natural ao exercício profissional escolhido surge a necessidade de fazer um curso de mestrado, para aprender a ser professor, conforme ficou muito claro naquela aula de... Acreditei que o Mestrado em Saúde Pública me faria um Mestre. Parecia meio natural, não? Mas não é bem a realidade, uma vez que em nenhum momento do Mestrado fui estimulado a qualquer discussão relativa à prática docente ou estratégias para facilitar o aprendizado de alunos. Aliás, no Doutorado o mesmo aconteceu. Entretanto, neste espaço isso já era previsto, considerando que o Doutor deve investir em ser um pesquisador (outra dimensão de excelência do professor) e sua formação docente foi desenvolvida ao longo do Mestrado.

Compreender o respeito aos saberes do estudante, assumir a inconcretude do professor, construir o conhecimento a partir da realidade têm se configurado como enormes desafios na condução do meu percurso acadêmico. Como abordar aquele

assunto para que os alunos possam efetivamente ver sentido naquela aula, ou naquele momento único capaz de encantar ou desencantar, dependendo da abordagem. Quando vejo meu filho, com toda possibilidade de aprender, não identifico como a escola opera seu papel.

Passar aleatoriamente por corredores em instituições de ensino superior, com salas de aula com carteiras enfileiradas uma após a outra, ouvindo discursos de diferentes disciplinas, algumas com a entonação do professor dono do conhecimento, suportadas exclusivamente no conteudismo, com alunos absolutamente reféns de um espaço sem vida ou reflexão. Com um professor inconsciente de seu papel transformador de responsável pela inclusão da maioria da sociedade, para um mero reprodutor dos interesses da classe social à qual pertence (ou não), reforçando a concepção de outros, com interesses nem sempre claros para o próprio professor. Num percurso que pouco contribui para sua libertação enquanto sujeito essencial na transformação de um mundo ainda repleto de inconsistências, desigualdades, preconceitos.

Como não lembrar momentos inesquecíveis de verdadeiros professores, como Paulo Freire, Leonardo Boff, Edgar Morin, Ilma Passos, Patativa do Assaré, Mário Sérgio Cortella, Ariano Suassuna, entre outros, desprovidos de vaidade e repletos de significado. Em todos esses momentos privilegiados, não havia um horário previamente estipulado com a obrigação de responder a presença; havia, sim, um grande interesse meu, em poder me aproximar da sabedoria de seres humanos que estão no mundo a serviço dele e da população.

Professores que não simplesmente estão na escola, mas que estão na vida do educando, das pessoas, nas dúvidas e incertezas, contribuindo para a construção de uma esperança maior. Nesta perspectiva, todos podemos ser professor e aluno, ao mesmo tempo, buscando caminhos, compartilhando dúvidas e descobrindo possibilidades, somente possíveis para mentes humanas.

ABSTRACT

The importance of class

Learning gives human beings a privileged position in guiding the world and history, which requires the teacher to have an appropriate stance to this demand. Coherent with this premise, the aim of this study was to reflect about the relevance of class as a teacher's strategy to develop student learning. Class was understood as a specific scheduled time in which information is expressed by a teacher to a class of students in a school. For this, autobiographical narrative was chosen considering the experiences in which the author himself is the protagonist. Reports of experiences allowed observing the limitation of the class as a learning space, whether by excessive authoritarianism from the teacher as the great protagonist of the process, or the lack of motivation by students in building knowledge in this educational space. Therefore, it is urgent that the classes be transformed into living spaces, influencing a positive eagerness in students, conceived by teachers who are not just in school, but participating in the students' lives, contributing to the construction of a greater learning environment, as well as to the achievements and the uncertainties, seeking ways to respect the contradictory, sharing doubts and discovering possibilities, only possible for human minds.

Descriptors: Learning, Faculty, Teaching, Education.

REFERÊNCIAS

1. Bordenave JED, Pereira, AM. Estratégias de ensino-aprendizagem. 30 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
2. Larrosa J. Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas. Trad. Alfredo Veiga-Neto. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
3. Amorim VM, Castanho ME. Da dimensão estética da aula ou do lugar da beleza na educação. Reflex. Ação. 2007;15(1):158-73.
4. Teixeira LC. Escrita autobiográfica e construção subjetiva. Psicol. USP2003;14(1):37-64.
5. Viñao A. Las autobiografías, memorias y diarios como fuente histórico-educativa: tipología y usos. Teias. 2000;1(1):82-97.
6. Lima MEC, Geraldi CMG, Geraldi JW. O trabalho com narrativas na investigação em educação. Educ Rev. 2015;31(1):17-44.
7. Cunha RC. A pesquisa narrativa: uma estratégia investigativa sobre o ser professor. Anais do 5o Encontro de Pesquisa em Educação da UFPI. Teresina: EDUFPI, 2009.
8. Ferrara LD. Olhar Periférico. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1999.
9. Bakhtin MM. Para uma filosofia do ato responsável. São Carlos, SP: Pedro e João Editores, 2010.
10. Ginzburg C. Sinais. Raízes de um paradigma indiciário. In: Ginzburg C. Mitos, emblemas, sinais. São Paulo: Cia das Letras. 2011.
11. Cunha MI. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. Rev Fac Educ. 1997;23:(1-2). Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551997000100010
12. Souza EC. Histórias de vida e formação de professores. São Paulo: Quartet, 2008.
13. Kramer S. Leitura e escrita de professores em suas histórias de vida e formação. Cad Pesqui. 1999;106:129-57.
14. Gomes MLM. Escrita autobiográfica e história da educação matemática. Bolema. 2012;26(42):105-38.

Correspondência para:
Prof. Dr. Luiz Roberto Augusto Noro
e-mail: luiz_noro@hotmail.com
Departamento de Odontologia da UFRN
Avenida Salgado Filho, 1787
59056-000 - Natal/RN